

A CAMINHADA MORAL DE JANUSZ KORCZAK

*Eliasaf de Assis*¹
*Kleber Tüxen Carneiro*²

Resumo

Esse texto pretende relembrar a biografia de JanuszKorczaK (1878-1942), médico pediatra polonês, diretor de orfanatos, e sua contribuição para a educação, em específico a educação moral. Conhecido por sua dedicação à educação e por suas obras literárias, dentre as quais “Como amar uma criança”. Relembra-se a biografia de Korczak, e atenta-se especificamente para a educação moral que notabilizou sua carreira entre as crianças e jovens do orfanato. Destaca-se as emoções morais que defendeu, desenvolvendo-se uma analogia entre os heróis clássico e míticos da antiguidade e a admiração moral.

Palavras chave: Educação moral, JanuszKorczaK, ética.

Curvado e cansado, um homem caminha. À sua volta, o calor outonal doura as ruas, as janelas das casas e as árvores sem folhas. Seus passos são lentos, embora o trem o aguarde na estação. Ele anda devagar não pelo claudicar da velhice, pois gosta muito de caminhar, exercício que pratica diariamente. Mas é que hoje não caminha sozinho. Segura as mãos de duas crianças, e lidera a procissão de muitas outras. Ele orientou cada uma a trazer consigo o brinquedo ou livro de que mais gostava e a vestir-se com uma roupa bonita. Esse desfile não passa despercebido: as calçadas que ladeiam a rua estão abarrotadas de gente, multidão que hoje está quieta e atenta. Só a dignidade é ouvida nos rostos silentes das crianças e do velho. À medida que caminha, como “O herói misterioso” de Hawthorne³, sua silhueta parece inflar, e qualquer ideia de decrepitude ou ruína o abandona. Sua imagem agora é iridescente, e dentre os que a observam, há quem se lembrará dessa marcha por toda a vida e a contará repetidamente,

¹ Professor de Sociologia na Fac São Roque, mestre e doutorando em educação pela Unesp-Fclar Araraquara.

² Professor de Educação Física no Ensino Médio do Estado de São Paulo e mestre em educação pela Unesp-Fclar Araraquara

³NathanielHawthorne (1804-1864), romancista e literato norte-americano. Seu “herói misterioso” (que intitula um de seus mais famosos contos) é uma figura mítica, heroica e solitária, invocada quando o povo pede justiça.

extraíndo dela toda a doçura e fascínio. Haverão de rememorar a candura dos rostos das crianças, a firmeza de passos do idoso, o calor do dia e a mornidão das lágrimas a rolar pela própria face; tudo se imprimirá com vívida intensidade na memória daqueles que viram JanuszKorczak na sua derradeira caminhada com seus mais de duzentos órfãos. Necessário é que se faça nessa introdução, uma alusão a sua relação significativa com suas crianças e o valor de sua companhia para o crescimento moral delas.

Os passos desses meninos e meninas, acompanhados por seus tutores, cruzam a distância e também os anos, irmanando-se às várias caminhadas que marcaram os anais da história: o povo hebreu em seu Êxodo; Paul Revere⁴ a galope em seu cavalo durante a noite; a marcha de Gandhi para fabricar sal na praia do Índico; a Grande Marcha de Mao pela vitória da revolução ou de Luther King e seus milhares atravessando Washington numa verdadeira cruzada pelos direitos civis. É perceptível nestes diversos exemplos como as marchas, muitas delas iniciadas como despreziosas caminhadas, ligam-se intimamente a nosso despertar moral e expressam como a senda moral dos caminhantes pode ser contagiante e um poderoso convite à evolução moral. Ora, enquanto JanuszKorczak caminha, põe em marcha também a defesa de seus valores e sua história, que como um *midrash*⁵ percorrerão o globo e as décadas seguintes.

Em sua caminhada, com quieta dignidade, Korczak põe em relevo sua biografia e, como não poderia deixar de ser, sua concepção moral quanto ao mundo. Ele participou de três guerras como oficial-médico. Especializando-se em pediatria, publicou mais de 250 artigos, abrangendo áreas tão diversas como medicina infantil, literatura satírica e humorística, além, é claro, de educação. Seu livro mais amplo sobre o assunto, “Como amar uma criança”, foi escrito enquanto esteve no leste da Prússia trabalhando em um hospital no *front*, onde os horrores da guerra lhe tiravam o sono, mas não eram capazes de fazê-lo deixar de sonhar. No livro, aborda dois temas (KOHLBERG, 1981): primeiro, relaciona o amor a uma criança a uma especial dedicação a seu desenvolvimento psicológico. A originalidade da obra está na própria militância de Korczak pelo assunto. Sua teoria correspondia a uma prática pessoal diária e integral em prol do desenvolvimento infantil. O segundo tema do livro, percebido no cotidiano dos orfanatos que administrava, era que um amor genuíno implicava educar a

⁴ Importante militante da luta pela independência americana.

⁵ Parábola judaica, instrumento de ensino da educação rabínica.

criança para a justiça, tratando-a com respeito e igualdade. A prática cotidiana da gestão dos orfanatos demonstrava a prioridade do autor para o tema da moralidade.

De acordo com Arnon (2005, p. 51), Korczak instituiu o que chamava de “corte infantil”, uma espécie de “sistema judicial autônomo” que compreendia centenas de cláusulas que podiam ser desenvolvidas e interpretadas pelas crianças. Assim elas poderiam assimilar o respeito pela lei e pelos direitos individuais bem como adotar uma forma de queixar-se e defender-se que fosse justa e respeitosa. Em suma, a criança aprendia a apresentar seu protesto e percebia que a lei garantia que seria ouvida e considerada. Para Korczak, o produto dessa prática seria a emancipação. A importância da corte é descrita por ele:

A corte deve manter a ordem, porque a desordem fere muito mais as pessoas boas, honestas e pacíficas. A corte não é a própria justiça, mas deve sempre se empenhar em ser justa; não é a própria verdade, mas deve sempre buscar a verdade. Os juízes podem errar, mas é desonroso apoiarem deliberadamente o lado errado (ARNON, 2005, p. 52).

O ideal de justiça, portanto, era o alvo maior da educação moral no orfanato. E os órfãos que passaram pela instituição lembraram-se disso em diversos momentos, pois diziam que esta foi a maior contribuição moral que ali receberam: acreditar na justiça, mesmo quando vivendo em um mundo onde a força bruta impera. A despedida dos órfãos que cresciam era considerada também quase como um apostolado, um envio missionário com a finalidade de propagar uma contracultura. Eles lembravam-se com emoção do discurso final que Korczak lhes fazia ao deixarem o lugar que foi seu lar desde a infância:

Nós estamos concedendo apenas algo que podem levar com vocês – o sonho de uma vida melhor, uma vida que não existe em nenhum outro lugar do mundo hoje, mas que algum dia existirá: uma vida de justiça e verdade (ARNON, 2005. p. 54).

A educação moral do orfanato via-se, portanto, com um problema urgente: quando chegasse a idade de sair dali, ao jovem não bastaria apenas conhecer algumas regras externas e heterônomas. A justiça deveria ser algo que lhe fizesse sentido pessoal, pois “verdade e justiça são coisas que todos precisam aprender a incorporar em

si mesmos, da melhor maneira possível” (ARNON, 2005, p. 54). Ninguém pode fazê-lo pelo outro.

Ao pensar nisso, podemos compreender como a caminhada moral de Korczak e suas crianças possui um caráter antológico sobre a evolução moral dos homens. Como em uma pintura, outros componentes em cena também revelam posturas morais. Seja Korczak, seja sua auxiliar Stefania, sejam as pessoas que os observam na calçada, sejam os guardas obedientes, sejam aqueles guardas que em segredo tudo fizeram para livrar as crianças de seu terrível destino: diversos papéis são encenados com posturas morais distintas. Há quem caminhe tornando sua concepção do mundo também uma prática moral, e há quem observe sem nada fazer, guardando suas convicções morais para si. Há quem obedeça ordens e leis sem questionar, e há quem desobedeça por obediência a um princípio maior.

Mas os componentes dessa história que podem nos falar mais alto são as crianças. Mais de duzentos meninos e meninas que caminham em um dia ensolarado. Cada um deles tem uma subjetividade, um rosto e roupas distintas, mas nos relatos suas descrições são tomadas por uma univocidade de intenções, um comungar da mesma afirmação. Suas histórias de orfandade, abandono e marginalidade ficaram para trás há muito. Caminham como uma irmandade tomada pela mesma convicção moral, para quem a companhia moral de Korczak foi o fator decisivo.

Mais de meio século depois, a marcha e o companheirismo moral de Korczak continuam relevantes em um mundo onde a informação parece onipresente, mas a sabedoria tão rara. Afinal, o dilúvio de informações a que nos vemos expostos, graças à era tecnológica em que vivemos, não vem acompanhado por uma orientação de como aplicar novos conhecimentos. As questões morais se complexificaram, abordando agora temas antes pouco comuns, como meio ambiente, comportamento nas organizações ou controle e liberdade de mídia. Em meio a tudo isso, a formação moral dos jovens levanta cada vez mais questões, seja na psicologia, seja na educação. A compreensão sobre deveres e direitos, bem como o perfil de vida desejável que às vezes chamamos de “vida de qualidade”, apresentam-se como desafios atuais, cruzados transversalmente por interpretações diversas, e às vezes até divergentes.

Korczak: razão e afeto na formação moral

O alívio chegará porque a emoção é decisiva para a ordenação da aparência do mundo.

JanuszKorczak (*apud* ARNON, 2005, p. 81)

Respeitada a importância da relação entre razão e afetos para a formação moral do indivíduo, deparamo-nos com a necessidade de compreender quais as emoções morais que são mais pertinentes, isto é, aquelas que permeiam e/ou minimamente ocorrem dentro das chamadas relações significativas. Dada a impossibilidade de, neste espaço, exaurir o tema, listaremos algumas que julgamos mais importantes e alinhadas com nosso objeto de estudo.

A admiração e o ato heroico e sua importância como influência moral

Algumas das razões por que admiramos os feitos que julgamos fruto do heroísmo ou santidade (que aqui se equivalem como termos que significam admiração moral) estão também inextricavelmente ligadas aos aspectos contraditórios dos heróis. Afinal, sabemos que a maioria dos heróis que admiramos possui defeitos na intimidade, e muitos desses defeitos, graças a biógrafos competentes, chegam a nosso conhecimento. Alguns admiram, de forma idolátrica, constructos de heróis que, caso correspondessem de fato à admiração, não os fariam humanos, mas semideuses. Já outros de nós são tão preparados para esse desapontamento provocado pelo encontro de nossa irrestrita admiração com a realidade pessoal e íntima de nossos admirados que suspeitam automaticamente de biografias que sejam ilibadas e, portanto, as julgam irrealis ou tendenciosas. Essas duas inclinações, aqui descritas de forma brutalmente antagônicas, são intrínsecas quando se observa o herói enquanto objeto de admiração.

Como explicar o enlevo e encantamento associados à admiração, bem como a frustração do desapontamento senão observando o herói? Em uma breve reflexão, notamos que não é destituído de sentido o fato de que os heróis gregos eram semideuses, categoria que compartilhava da natureza humana e também da divina. Essa natureza bivalente do herói denotava sua vivência em dois mundos. A centelha divina lhe conferira dons, mas esses não vinham desacompanhados das mesmas solitudes humanas, como busca de reconhecimento, a necessidade de controlar os próprios impulsos ou a carência de amor. E às suas habilidades divinas correspondiam trabalhos

heroicos. Por isso em suas novas e atuais roupagens, alguns heróis de nossa cultura pop ainda participam do mito do herói, tornando seu um axioma que se reporta a todos os heróis da antiguidade: “com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”.

Essa dualidade referencial do herói, uma apontando ao Olimpo, outra, a Terra, é reflexo da dualidade que está presente na admiração. Sim, porque podemos admirá-los por sua coragem e bravura à altura dos imortais, mas podemos também simpatizar (embora às vezes também nos indignemos) com suas limitações e debilidades. Em outras palavras, o herói tem o fulgor de um deus, mas sua atuação está sujeita à crítica.

Concentremo-nos no ato heroico: ele é que determina a estima do povo. Os deuses recebiam o incenso sem questionamentos, era um dever do povo para com eles. Já o herói despertava a simpatia espontânea de seus concidadãos. Há, na admiração moral do ato heroico, quando provinda de adultos maduros, uma compreensão dos limites do humano aliada a uma solidariedade com as debilidades do herói. Um mesmo impulso devota essa admiração sóbria: enquanto situa o herói entre os mortais, pode lhe prestar uma liturgia equilibrada de respeito e reconhecimento. Vejamos uma ilustração deste olhar admirador na emoção trágica, tão comentada por Kohlberg (1981) em suas analogias com as emoções morais. Em seu sentido primitivo, a emoção trágica é também uma emoção estética, isto é, de apreciação artística. É crítica enquanto também seja uma emoção que avalia e julga; e é transcendente uma vez que supera o sentido imanente do objeto admirado e provoca um conflito capaz de produzir a evolução moral. Esse envolvimento psicológico conseguido pela tragédia, e que tem como principal foco o herói, exige uma sofisticada empatia com o personagem. A emoção, para ampliar o seu desfrute do significado mais profundo do ato heroico, deve equipar-se e nutrir-se através de interações sociais mais complexas, que a sensibilizam. Dito de outra forma, nossa admiração, enquanto emoção moral, também evolui e sofisticar-se, à semelhança do gosto artístico, que, treinado, produz a experiência da emoção estética. A admiração das virtudes, por exemplo, é uma experiência ampliada tanto mais quanto mais apreciamos as virtudes.

Isso nos leva a pensar no herói enquanto ser virtuoso: no sentido mitológico, ele era alguém que guardava algo, que estava em missão ou a serviço de uma causa nobre. Essa causa, na maioria das vezes, também se funde à apologia de uma virtude.

O herói, portanto, é uma personagem que tem atributos virtuosos, e por isso desejáveis. É uma pessoa admirável, que instila virtudes. Perceberemos, é claro, que

muitas vezes essas virtudes são atribuídas arbitrariamente pelos admiradores. Como também podemos notar que em muitos momentos é a dualidade e a vitória sobre o conflito entre sua virtude e vícios que faz do herói alguém admirável. Conviver com inclinações conflitantes e equilibrá-las ou administrá-las por força de uma identidade ética (isto é, uma real convicção sobre o tipo de “vida boa” que se deseja) é algo que chama a atenção e estimula a admiração.

Há, portanto, admiração sem peias, irrestrita e infantil. E também há admiração com a constatação das debilidades do admirado. Essa última é tomada por uma maior percepção quanto à humanidade daquele que é admirável. Essa dimensão humana ressalta o quanto é tênue a linha que separa, por exemplo, os covardes dos corajosos. E explica por que decifrar o papel dos heróis demanda tantos recursos de nosso senso moral. É como no comentário de Chesterton (2007) sobre a diferença entre o suicida e o herói: Embora os dois manifestem disposição para morrer, e possam agir de formas idênticas algumas vezes, a distância moral entre os dois é a mesma que há entre o suicida que teme continuar vivendo e o guerreiro hebreu de Massada⁶. O herói vive um árduo equilíbrio entre a vida e a morte quando, por exemplo, avança sobre o inimigo para romper um cerco, pois avançar significa enfrentar a morte, estar disposto a morrer (o que o aproxima do suicida, em termos de efeito), mas também agarrar-se tenazmente à vida e abrir caminho valentemente para ela. Avaliar o herói nunca será uma tarefa fácil, antes demandará um recrutamento de nossa inteligência e afetos para uma compreensão mais profunda sobre o que é virtuoso e o que é humanamente previsível.

Portanto, ao tratar do feito ou ato heroico, precisamos delimitar claramente o herói: ele é um agente moral, um personagem que protagoniza uma narrativa. Nas tragédias, desde as clássicas, é um indivíduo que não tem sua subjetividade achatada, o que equivale a dizer que ele é tratado com profundidade em sua descrição psíquica. Essa profundidade o humaniza, pois o apresenta mais próximo das debilidades, dúvidas e dilemas comuns aos outros homens. Essa subjetivação do herói concede-lhe dimensões menos perenes, com as quais podemos nos identificar. Esse campo em comum com o herói produz uma ligação empática entre ele e a audiência, pois um herói é herói nos dois sentidos possíveis da palavra exemplo: no primeiro, em que seu feito exalta uma virtude exemplar, e por isso admirável; e no segundo, em que ele exemplifica com sua

⁶ O herói-guerreiro de Massada (monte rochoso fortificado que resistiu fatalmente à invasão romana do primeiro século) fornece, em nosso entender, um dos mais antigos exemplos da associação do arquétipo do herói com o autossacrifício.

finitude e debilidade a sua semelhança com o admirador. No primeiro sentido, encorajamos e desafia; no segundo, consola-nos e produz empatia.

Voltemo-nos à reflexão sobre a magnitude do ato heroico. Até que ponto, para suscitar admiração, alguém deve realizar um grande trabalho? Isso nos remete a La Taille (2006, p. 36):

Com efeito, os chamados heróis e santos são aquelas pessoas capazes dos maiores sacrifícios pessoais em nome de certos valores morais. Neles, o sentimento de obrigatoriedade de agir de forma justa ou generosa é forte o bastante para dominar quaisquer outras vontades. No conflito entre vontades diversas, a vontade moral predomina.

Notamos aqui o quanto o herói está ligado a grandes sacrifícios e abnegação da própria vontade, que se submete à vontade moral. O ato heroico é compreendido pelo admirador como um ato de predominância das convicções do admirado. Nem sempre, portanto, está diretamente ligado a grandes realizações, mas sem dúvida está atrelado ao sacrifício por uma causa justa ou por alguém que não tem outro a quem recorrer. Ou, parafraseando o que disse Evelyn Underhill (*apud*BELL;DAWSON, 2006), o herói é aquele que com modéstia arrisca-se em uma situação problemática disposto a sacrificar mesmo “o exercício do amor heroico” (isto é, trabalhos vultosos) em prol de socorrer “as mais humildes necessidades dos homens” (UNDERHILL*apud*BELL; DAWSON, 2006). Isso se pode notar muito claramente na admiração que os filhos nutrem pelos pais. O ambiente em que a admiração filial é forjada é, dentre todos, o mais inusitado. A admiração filial tem sua têmpera no não-idílico, na vivência comum e trivial. É nessa espécie de importância às avessas que o altruísmo ganha maior relevo como influência moral. Lembra-nos o comentário de Korczak em carta a seu discípulo, Arnon (2005, p. 78):

Se o objetivo de vida é a satisfação – tanto do estômago quanto da mente –, você estará sempre correndo o risco de ruína: quando tudo é consumido, advém o sentimento repugnante de saciedade ou de vazio. Quando seu foco é alimentar a outros, então você tem um objetivo a sua frente, uma necessidade de plenitude – para dissipar seus sofrimentos, encontrar a si mesmo e alegrar os outros, fugir de ambições pessoais. As falhas são então ainda mais dolorosas, mas não contaminam. Não é uma

vida fácil e confortável, mas uma vida franca, repleta de pequenas tarefas diárias.

Korczak, a propósito, é um exemplo, ao incorporar essa ambivalência dimensional do ato heroico. A imagem absolutamente heroica de sua marcha pode nos levar a descrever de forma “unidimensional seu mundo” (ARNON, 2005), que por ser tão “altamente espiritual e visionário”, acaba por ofuscar sua real humanidade. O presente trabalho foi aberto com uma alusão a sua caminhada moral. Mas cada passo moral dado por ele foi precedido por exercícios morais em que ganhou a devida musculatura ética. Uma interpretação, embasada por sua biografia, aponta-o como um herói improvável. Uma descrição, ainda que sucinta, de seu papel enquanto educador moral pode nos fazer compreender melhor a admiração e o ato heroico.

Ainda na meninice, aos onze anos, um duro golpe incidiu sobre toda sua família: seu pai é internado tomado por um profundo colapso mental. A pecha de ser filho de um louco, como ele mesmo diria em suas correspondências, arde sobre ele. De fato, uma de suas obras literárias, escrita já aos dezessete anos, trata de um personagem que decide acabar com a própria vida, temendo enlouquecer. Por toda sua vida, Korczak temeu enlouquecer. Como ele mesmo disse: “durante décadas, e até mesmo hoje, o pensamento nunca cessou de, ocasionalmente, me perturbar” (ARNON, 2005, p. 32). Por isso mesmo nunca se casou.

Seu pai morreu quando ele completou dezoito anos, e Korczak, trabalhando e estudando, mergulha em profunda compulsão para escrever. Recebe seu primeiro prêmio literário aos 20 anos, assumindo seu novo nome, Joseph Korczak. Seu primeiro livro, tratando de crianças abandonadas⁷, cujas notas foram rascunhadas atrás dos maços de cigarro, é um “marco no desenvolvimento espiritual de Korczak e sua habilidade de se identificar psicologicamente com o sofrimento em qualquer forma” (ARNON, 2005, p. 33).

Essa empatia poderosa que desenvolve com os que sofrem o acompanhará por toda a vida. Contrastando com sua verve de intenso e refinado humor, há um homem que na intimidade é tomado por intenso medo da solidão e uma ardente busca espiritual. Desaponta-se com o que considera uma mera prestação de serviços médicos à pobreza, uma vez que “uma colher de rícino” não pode curar a pobreza ou a falta de pais.

⁷*Dziecko Ulicy* ou “As crianças da Rua”, publicado em 1901.
Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 3 – nº 1 - 2012

Dedica-se, então, com empenho, às crianças abandonadas. Descobre-se nesse trabalho, a ponto de impressionar os professores e profissionais que recruta. Provoca indelével lembrança em seu correspondente: “Pareciam complementar-se um ao outro: a solidão da criança, principalmente da criança sem lar, e a solidão criativa e intelectual de Korczak, o homem”. (ARNON, 2005, p. 36).

O trabalho de Korczak com suas crianças é, então, inicialmente afetivo e de misericórdia, despertado pela intensa penúria da orfandade, fenômeno que até hoje podemos observar. Erraríamos se imaginássemos que ele se dedicou a esse trabalho sem conflitos. Sua correspondência intensa com seus amigos da Palestina, ou *Eretz Israel* como ele sempre chamava, demonstra como esse *burden*⁸ que o tomava colocava-o em uma expectativa ardente, uma preocupação com a evolução moral não apenas dos órfãos que atendia, mas também com a degradação moral do mundo. Suas inclinações sionistas o faziam sonhar em mudar-se para Israel. A construção de uma nova sociedade o interessava sobretudo, e ele foi convidado para morar e trabalhar lá. Mas sua experiência com a educação moral dos seus órfãos o dividia entre Tel-Aviv e Varsóvia. Agudas crises de depressão o dominam. Em suas correspondências, trata de justificar-se e explicar as razões de seu desânimo.

As lutas de Korczak para administrar sua própria depressão, ao contrário do que se poderia pensar, ampliaram sua produtividade. Ele dizia em carta a seu amigo: “Existem momentos de aflição que deprimem o indivíduo e outros que o elevam. As saudades fortalecem e aprofundam a alma. Não vamos qualificar experiências difíceis como ruins”. (ARNON, 2005, p.78).

Logo, administrar seu interior é uma tarefa que todo homem deve cumprir, pois “um homem é responsável por seu próprio espírito, por seu próprio modo de pensar – este é seu local de trabalho” (ARNON, 2005, p. 86).

Como um homem areja seu local de trabalho, sua mente? De acordo com Arnon (2005), para Korczak a ferramenta de purificação da mente é a solidão. Ele lamentava a incapacidade do homem contemporâneo de ficar sozinho e em silêncio. Ele defendia ardentemente a necessidade de períodos de solidão, a ponto de inspirar seus admiradores a respeito.

⁸ Fardo, no sentido de encargo ou vocação pessoal. Kohlberg (1981) usa a palavra quando trata de acentuar a atuação de Korczak como educador moral.

Há uma sensação de clausura da qual queremos sair. A sociedade do ponto de vista sociológico tem tendências desagregadoras, que tem aumentado, e a pressão geral que sofrem os indivíduos tende a desintegrar o particular, o individual (ARNON, 2005, p. 15-16).

Arnon (2005) acredita que era justamente esta “solidão espiritual” de Korczak que enriquecia todos a sua volta, inclusive seus colaboradores. Essa ideia de uma vida simples, descoisificada e sem apegos era valorizada por ele para que pudesse ser “senhor de sua própria mente e alma”.

Essa preocupação com o próprio espírito pode dar a entender que Korczak fosse alguém meticuloso, o que não era um fato. Sua apreciação por uma vida mental e afetivamente bem administrada era mais estética do que sistemática, lembrando em muito a abordagem de simplicidade voluntária de Thoreau⁹. Uma alma desapegada é leve, com os sentidos aguçados e livres para a apreciação do mundo que a cerca. Ao cuidar do próprio espírito, despojamo-lo de cargas desnecessárias e podemos nos aplicar a tarefas cotidianas, tão importantes para Korczak: ensinar uma criança a amarrar um cadarço, ouvir o que chamava de “sinfonia de respiração de uma criança adormecida” e mesmo agir com espirituosidade e bom humor. Este último, um traço inesperado em um herói. Mas o humor foi para ele um excelente influenciador moral, produzindo momentos significativos e indeléveis na impressão das crianças e mesmo dos colaboradores. Nas modernas tragédias, a comicidade e o humor, com sutileza e fineza (e, devemos concordar, às vezes mesmo em doses destemperadas) se fazem presentes. A própria inclusão do bom humor como uma das virtudes, como faz Comte-Sponville (1995), já é uma ação bem humorada!

O humor não é comum entre os heróis. Mas parece-nos uma virtude altamente demandada em um mundo pós-convencional. E o cenário¹⁰ que talvez mais acentuadamente tenha demandado um senso moral elevado, baseado em princípios, foi imantado beneficemente por essa virtude de Korczak: ele era um homem criativo que, a despeito de sua solidão, possuía um grande senso de humor. Sua imaginação era fértil e original, irradiando-se tanto pelo orfanato como por seus livros. Os críticos literários notavam com destaque o humor sofisticado e, às vezes, pueril de suas obras, como

⁹ Há um belo retrato de vida simples em sua obra *Walden*.

¹⁰ Referimo-nos ao momento mais crucial de Korczak, com a invasão da Polônia pelos nazistas e a mudança de seu orfanato para o gueto de Varsóvia.

*DzieckoSalonu*¹¹. Esse seu constante caráter de humor, expresso vividamente em anedotas e brincadeiras, e sutilmente em uma disposição de manter um ambiente agradável no orfanato, marcou muitos dos órfãos que deixaram o orfanato. E em diversas ocasiões, estava aliado não apenas a um lúdico descarregar das tensões coletivas de uma vida comunitária tão implacável como a vivida em um orfanato. O humor era realmente uma ferramenta de educação para a justiça, oportunizando a evolução moral dos internos. Em certa ocasião, brincando, Korczak ergueu um menino e colocou-o no alto de um armário. Todos riram muito, inclusive a criança. Mas Korczak saiu da sala, junto com todos, e absolutamente esqueceu que a criança não podia sair de cima do armário sozinha! A criança foi encontrada pouco depois chorando e acusou Korczak na corte infantil. Ele submeteu-se por completo ao processo, ouvindo as acusações ou defendendo-se. Por fim foi julgado culpado e condenado. Sua sentença foi ouvir, sem poder reclamar, o deboche das crianças por vários dias (ARNON, 2005).

O que denota seu envolvimento com o cotidiano das crianças atendidas pelo orfanato. De fato, Korczak julgava que a convivência em assuntos triviais produziria maiores oportunidades para a educação da criança, em especial a educação moral. Como ele dizia, referindo-se a essa convivência ordinária entre a criança e seus educadores, a vassoura é um dos instrumentos pedagógicos mais importantes (ARNON, 2005). E esse seu envolvimento no trabalho comum do orfanato produziu, a julgar pelos relatos dos órfãos que sobreviveram, uma legião de admiradores.

O que nos leva a pensar sobre como a admiração é potencializada pela vivência comum e cotidiana. A julgar por Korczak, o trivial ganha contornos significativos e é posto em negrito pelo tempero sutil de uma vida abnegada. Carregados de imanência e rotina, o dia a dia das crianças produziu momentos esporádicos de transcendência que ultrapassaram os limites do ordinário.

Referências Bibliográficas

ARNON, J. **Quem foi JanuszKorczak?**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. 102 p.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 1986. 426 p.

BELL, J. S. & DAWSON A. P. **A biblioteca de C. S. Lewis**. São Paulo: Mundo Cristão. 2004. 381 p.

¹¹*Criança de Salão*. Publicado em 1904.

BIAGGIO, A. M. **Lawrence Kohlberg: ética e educação moral**. 2ª. Edição. São Paulo: Editora Moderna. 2006. 127 p.

_____. **Kohlberg e a comunidade justa: promovendo o senso ético e a cidadania na escola**. Psicologia: reflexão e crítica. Porto Alegre, volume 10, nº 1, 1997. Disponível em

<http://www.uniweb.cl/marcelo.urra/videosip/Biaggio/articles/BiaggioKohlberg.pdf>

acesso em 3 de Mar. 2009.

_____. **Psicologia do desenvolvimento**. 2ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 1976. 280 p.

COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 392 p.

CHESTERTON, G.K. **Ortodoxia**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2007. 263 p.

HAWTHORNE, N. **O herói misterioso**. In Contos norte americanos. Rio de Janeiro. Ediouro publicações. 2004. p. 61-67.

KING, M. L. **Carta da cadeia de Birmingham**. Disponível em <http://www.ordemlivre.org/node/477> acesso em 05 de mar.2009.

KOHLBERG, L. **Minha busca pessoal pela moralidade universal**. In: BIAGGIO, A. *Lawrence Kohlberg: ética e educação moral*. 2ª. Edição. São Paulo: Editora Moderna. 2006. p. 80-88.

_____. **The philosophy of moral development**. San Francisco: Harper & How Publishers, 1981. 441 p.

LA TAILLE, Y. **Moral e ética**. Porto Alegre: Artmed editora. 2006. 189 p.

_____. **A educação moral: Kant e Piaget**. In: PIAGET et al. MACEDO, L. (org). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do psicólogo. 1996. p. 137-178.

_____. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Editora Ática, 1998. 151 p.

SPOMVILLE, C. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995. 392 p.

TOGNETTA, L. R. P. **A formação da personalidade ética**. Campinas: Mercado das Letras, 2009a. 184 p.

_____. **Perspectiva ética e generosidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2009b. 288 p.

_____. **A virtude da solidariedade em ambientes escolares**. In TOGNETTA, L.R.P. (org). Campinas: Mercado das letras. 2007. p. 37-59.

_____. **Sentimentos e virtudes: um estudo sobre a generosidade ligada as representações de si**. 2006. 320 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.